

## PONTO DO BEIJU: CULTURA, MODOS DE PRODUÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Érico da Silva França<sup>1</sup>

*Resumo:* Os estudos culturais de comunidades suplantadas pela história e cultura hegemônicas são imprescindíveis para conhecer/aprofundar a história de minorias e de comunidades periféricas, através dos modos de produção, da estética, dos símbolos e das linguagens. O Ponto do Beiju, afamado pela produção do beiju e também de marcas identitárias singulares, é uma dessas comunidades subalternas. A leitura e interpretação (por meio da História oral, da pesquisa-ação e inspiração etnográfica) dos modos de vida e produção (documentos impressos, iconográficos e vídeos) como práticas socioeconômicas e estéticas contra-hegemônicas pontobeijuzenses constituem-se na principal finalidade desse trabalho. Foram/são/serão indispensáveis para a confecção do “Projeto Ponto do Beiju” a apropriação de conhecimentos inerentes à economia solidária e construção identitária (social e histórica). Os resultados esperados são a produção de um memorial dos beijuzeiros pontobeijuzenses e seus modos de produção e a colaboração para a luta comunitária por políticas públicas que agreguem valor produção/cultivo da mandioca e ao fabrico do beiju.

*Palavras-chave:* Cultura contra-hegemônica. Estudos culturais. Produção do beiju.

### INTRODUÇÃO

O Ponto do Beiju é uma comunidade da cidade de Alagoinhas (BA), localizada às margens da Rodovia Alagoinhas-Salvador, BR 110. Famosa pelos aromas, sabores e formas do beiju (seco, de coco, maracujá, goiaba e molhado). A promoção do prazer e da felicidade a quem “dela” devora em Alagoinhas, Araçás, Feira de Santana, Dias D’Ávila e Salvador são notórios. Também a apreciação visual-auditiva-tato-olfativa-gustativa do beiju proporciona o contato do degustador com as linguagens socioculturais pontobeijuzenses, uma vez que a arte culinária de uma sociedade manifesta seu modo de vida.

Quero/preciso destacar que a produção do beiju é uma das principais, senão a primordial engrenagem, a mola propulsora, a força motriz responsável pela formação e manutenção – espiritual e material – da comunidade pontobeijuzense, em Alagoinhas, uma vez que do beiju “nascera” a comunidade e a iguaria continua sendo o principal patrimônio cultural da região. Já parou para imaginar como seria o nome da/e a região se não fosse o quitute originário da mandioca? Esse trabalho (com certeza) não estaria sendo confeccionado.

Por se tratar de uma comunidade subalterna, a leitura e a interpretação do Ponto do Beiju, podem contribuir para a valorização de comunidades suplantadas pela história dominante (dos

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus II - Alagoinhas-Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), orientado pelo Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: ekifranca@gmail.com.

grandes feitos de grandes homens) e pela cultura hegemônica, responsáveis pelo emudecimento de histórias e comunidades periféricas. Por conta disso, elegi para a discussão teórico-metodológica a respeito da comunidade pontobeijuzense os Estudos Culturais, a História Oral, a Pesquisa-Ação, além dos princípios relacionados à economia solidária.

## **O PONTO DO BEIJU, ESTUDOS CULTURAIS, HISTÓRIA ORAL E PESQUISA-AÇÃO: UM ENTRECRUZAR METODOLÓGICO**

O arcabouço teórico-metodológico dos Estudos Culturais, pautado no entrecruzamento com/de diferentes áreas das ciências humanas, pode amenizar as dificuldades relacionadas às leituras e interpretações da comunidade alagoanense. Contudo, os Estudos Culturais não podem ser reduzidos a um pluralismo desprovido de critérios, uma vez que demonstram o desejo de conexão, ao mesmo tempo, em que registram uma “tensão entre a recusa de se fechar o campo, de policiá-lo e, ao mesmo tempo, uma determinação de se definirem posicionamentos a favor de certos interesses e de defendê-los”. (HALL, 2013, p. 222).

Marcado por articulações bastante complexas entre o pensamento e a realidade histórica, os Estudos Culturais emergiram na década de 1950, possibilitando a construção de múltiplos discursos e numerosas histórias distintas, além de abranger um conjunto de formações e diferentes conjunturas, construídas por métodos e posicionamentos teóricos diferenciados, sempre acompanhados do que denomina-se de “ruído teórico”, como uma gama de “sentimentos negativos, discussões, ansiedades instáveis, e silêncios irados” (HALL, 2013, p. 221).

Os Estudos Culturais (arcabouço interdisciplinar, marcado por contribuições, basicamente, anglo-americanas), em função da perda da primazia da literatura (principal elemento midiático nos países europeus com maior nível de alfabetização e responsável por contribuir com os processos de individualização e socialização), são os responsáveis (na contemporaneidade) pela averiguação de bens de cunho simbólico dos mais variados campos científicos e culturais.

Atualmente, a popularidade dos Estudos Culturais no campo da Teoria da Literatura também constitui-se numa realidade, não existindo nenhuma contradição nesse sentido, apesar de os Estudos Culturais pautarem-se numa análise empírica da história e na ausência de teoria e metodologia únicas; e, a Teoria Literária possuir um discurso abstrato e conceptual e a carência de uma conceituação clara entre o objeto literário e seus diversos tópicos (artes, mídia, nação, etnicidade, etc.) (SCHOLLAMMER, 2000). O empenho em relacionar os Estudos Culturais a Teoria Literária advém do anseio de seus teóricos em ampliar o enfoque tradicionalmente restrito às abordagens das

ciências antropológica e sociológica, inserindo nos campos da história e da cultura estratégias analíticas e interpretativas dos estudos literários.

Outros discursos científicos presentes nos estudos culturais (História, Filosofia, Antropologia e demais ciências humanas) têm se apropriado dos resultados teóricos desenvolvidos pelos estudos literários, qualificando a Teoria Literária e valorizando os aspectos criativos da literatura na ampliação de experimentos textuais e poéticas dos autores contemporâneos, com destaque especial para a narrativa, que “abriu mão”, “deixou de lado” as disciplinas, instituições e metodologias específicas, com a finalidade de promover o entrecruzamento de áreas e conhecimentos distintos, promovendo uma interdisciplinaridade epistemológica. (SCHOLLAMMER, 2000).

A narrativa pode ser considerada um agente transicional de uma epistemologia de caráter “mimético” para uma epistemologia de cunho “construtivista”, responsável por uma dinâmica poética que vigora na consciência humana, fornecendo aos sujeitos a compreensão de si e do mundo que o cerca (SCHOLLAMMER, 2000). Essa constatação é bastante relevante para o estudo de comunidades inseridas à margem da cultura de caráter hegemônico e da academia, como o Ponto do Beiju. As narrativas subalternas – atualizadas, retransmitidas e com ferramentas das Ciências Humanas (em especial, os Estudos Culturais) – constituem-se num relevante e complexo agente de transmissão e valorização das produções culturais consideradas “pobres” em suas estruturas simbólicas e/ou materiais (para aqueles que cultivam os mitos do homem culto e da cultura superior erudita), além de possibilitar a compreensão dos modos de organização de unidades populacionais, permitindo aos componentes humanos o fortalecimento dos laços identitários; a encenação dos seus pactos sociais, suas regras e seus valores; e a revelação da tensão social causada pelas desigualdades e a fragilidade dos discursos hegemônicos (COSTA, 2010).

O Ponto do Beiju, unidade produtora de elementos materiais e simbólicos, é um texto que não deve e não pode ser (em hipótese alguma) decodificado e apresentado como se fora uma estrutura coerente e/ou objetiva. A comunidade alagoanhense do beiju, enquanto espaço *sócio-político-cultural*, configura-se num entrelugar, local marcado por realinhamentos e agitações ideológicas, onde o global e o regional se conectam e divergem, proporcionando as “misturas culturais”, ao mesmo tempo, em que os conceitos de unidade, pureza e autenticidade são questionados, eclodindo um “terceiro tipo de construção identitária”, assinalada por tensões, novos sentidos e “novas e vivas identidades” e onde o “mundo moderno, homogêneo e coerente vai ceder lugar a um universo pós-moderno, fragmentado, heterogêneo e imprevisível” (HAUCIAU, 2005, p. 6).

Por possuir poucos registros escritos a respeito da sua história, cultura e modos de produção, a História Oral é imprescindível para a reconstrução/contação de histórias de sujeitos (individuais e/ou

coletivos – mulheres, negros, marginalizados, movimentos sociais e migratórios...) renegados, “deixados de lado” pela história dominante e/ou de regiões (aldeias, comunidades, distritos...) suplantadas pela cultura e história hegemônicas, possibilitando, inclusive, o entrecruzar com outras ciências sociais.

Entretanto, lidar com essa área do conhecimento constitui-se numa empreitada deveras complicada, não por conta da sua validade epistemológica, mas em função de muitos estudiosos da ciência histórica, que consideram as fontes orais frágeis e desprovidas de precisão, ainda que possam revelar aspectos gerais e detalhes de sociedades sem ou com escassos registros escritos (tão importantes as ciências positivistas). A alternativa (com bastante ressalva) para os céticos historiadores é a utilização do “teste rankeano básico”. Este, por sua vez, estabelece que as fontes oficiais e escritas, quando estiverem disponíveis devem ser a primordial (para não dizer única) matéria-prima dos “estudiosos do tempo”. Caso contrário, pode-se tolerar as fontes orais. “Os dados orais são, nesses termos, certamente a segunda melhor ou pior escolha, pois seu papel é facilitar as histórias de segunda escolha sobre as comunidades com fontes escassas (PRINS, p. 164).

Somando-se a História Oral, a Pesquisa-Ação surge como um suporte essencial (uma inspiração) para a pesquisa pontobeijuzense, uma vez que essa área do conhecimento lida com comunicação rural, estudos organizacionais, desenvolvimento local, economia solidária e práticas culturais e artísticas (THIOLLENT, 2011). Também possui a finalidade de promover mudanças sociais, políticas e econômicas, além de pressupor uma conscientização dos “investigados” como dos “investigadores”. Assim sendo, pode-se dizer que o trabalho confeccionado pelo pesquisador não é sobre os outros, mas com os outros. Para ele, os resultados apresentados a laboratórios ou órgãos públicos devem – a priori – ser discutidos com o grupo de pesquisa de campo e, se possível, confeccionados coletivamente. Dessa maneira, “o trabalho de implicação do pesquisador em ação o conduz [...] a reconhecer sua parte fundamental na vida afetiva e imaginária de cada um na sociedade”. (BARBIER, 2007, p. 15).

Na comunidade pontobeijuzense foram realizados encontros (formais e informais – individuais e coletivos) com os moradores, artífices beijuzeiros e consumidores do beiju para compreender (se possível intervir) nos aspectos relacionados a sua cultura, os seus modos de produção e as suas venturas e desventuras pessoais e coletivas. Oferecendo suporte (informações) para a execução dos escritos de caráter memorialístico, histórico e crítico cultural para a composição da dissertação de mestrado.

A respeito dos encontros, talvez, o mais marcante tenha sido um colóquio in loco denominado de “Entre o real e a ficção: relatos autobiográficos de beijuzeiras e beijuzeiros do Ponto

do Beiju”. Esse evento ocorreu no dia 26 de setembro de 2016, com a participação de professores e graduandos do curso de Licenciatura Plena em Letras (V Semestre) da Universidade do Estado da Bahia. A finalidade do colóquio fora ouvir/dialogar sobre a cultura, os modos de vida e produção dos artífices do beiju, em sua maioria mulheres, com o intuito de valorizar e ampliar os conhecimentos a respeito de uma região, contexto local, e de minorias suplantadas pela história e cultura hegemônicas.

### **O PONTO E O BEIJU: DO QUE AMBOS SÃO FEITOS?**

O nascimento e a formação de unidades humanas e produtivas (comunidades/sociedades) advinham/advém, normalmente e a princípio, das necessidades orgânicas e de sobrevivência dos seres humanos. “[...] as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las” (CANDIDO, 2010, p. 28). Por isso, a utilização e o domínio da natureza (para a aquisição de recursos materiais) são imprescindíveis para os indivíduos que formam e compõem essas unidades, promovendo, assim, a transformação (de maneira incessante) do ambiente natural em espaço sociocultural, por meio do trabalho e de técnicas. “A maneira pela qual os homens produzem os seus meios de subsistência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de subsistência que encontram prontos e que necessitam reproduzir” (MARX apud CANDIDO, 2010, p. 29).

A origem do Ponto do Beiju e a sua sobrevivência, ao longo de décadas, enquanto unidade humana e produtiva, perpassa também pelas necessidades de caráter fisiológico dos primeiros habitantes, em meados do século XIX. A luta pela sobrevivência (suprimento material) dos sujeitos que formaram e primeiramente compuseram essa comunidade propiciou as primeiras transformações socioculturais nesse ambiente natural. O espaço geográfico à beira da estrada, repleto de mato e afastado da zona urbana, por conta do esforço laboral e da obra criadora humana dos pioneiros e das gerações que se seguiram, transformou-se, no decorrer dos anos, numa das comunidades mais importantes (senão a mais importante) do município alagoanhense, referencial no cultivo da mandioca e na produção do beiju. Este, além de ser um dos principais sustentáculos econômicos da região, sendo vendido nas ruas, no Centro de Abastecimento (CEAB) e em cidades como Araçás, Candeias, Dias D’Ávila, Entre Rios, Feira de Santana e Salvador (Curtume, Água de Menino, Campo Grande, Dois de Julho, Barra, Ribeira...) também se constitui num patrimônio cultural, imaterial e simbólico da localidade. Como um patrimônio imaterial e simbólico, deve-se considerar como patrimônio não somente a parte física/material da iguaria, mas os modos de saber,

fazer e criar envolvidos no processo de preparação e as sensações provocadas pelo consumo desse alimento.

O beiju, em suas mais variadas formas, sabores, aromas, cores e texturas, é tão importante para os pontobeijuzenses, que passou a nomenclaturar a comunidade alagoinhense, fato que ocorreu por conta da dificuldade de distribuição/comercialização dos artífices beijuzeiros de seu quitute mais famoso e por meio de “iniciativa involuntária” dos consumidores dos produtos da localidade. Preciso destacar que o Ponto do Beiju é um nome genérico para um conjunto de regiões de oito localidades: Ponto do Beiju, Pedra de Baixo, Pedra de Cima, Portões, Uruba, Nova Esperança, Olhos d’Água, situado às margens da Rodovia Alagoinhas-Salvador, BR 110. Sim, mas qual fora a dificuldade de produção e comercialização? Conta-se que os artistas e os prestadores de serviços mais anosos do beiju confeccionavam e realizavam a distribuição monetizada da sua iguaria na Estação Ferroviária de São Francisco (trecho de Narandiba). As vendas dos beijus ocorriam *in loco* sempre que o trem apelidado de “Pirulito”, que ligava Salvador a Alagoinhas (diariamente), parava na estação e os seus passageiros desciam. A iguaria também era transportada, pelo “*Pirulito, para outras cidades, como revela uma moradora de Camaçari (BA)*”. “O Pirulito ele vinha de Alagoinhas, pra trazer os beijus, aqueles negocinhos, aquelas coisinhas, pra vender pra gente ali também, né? Farinha vinha de Alagoinhas”.<sup>2</sup>

A ferrovia e o “maria-fumaça” com nome de doce foram imprescindíveis não somente para a história dos beijuzeiros, mas para outras personagens da história alagoinhense. Muitos alagoinhenses, como Joanita da Cunha Santos, viajavam para Salvador, com a finalidade de negociar, comprar ou “mesmo para assistir aos filmes onde apareciam estrelas famosas como, Greta Garbo, Marlene Dietrich e outras em voga na época” (SANTOS apud PAIXÃO, 2009). No decorrer dos anos, com o incentivo do Estado as malhas rodoviárias e secundarização dos serviços ferroviários, os beijuzeiros passaram a vender os seus quitutes na sua própria localidade, à beira da rodagem, em lugares estratégicos (a princípio somente dois) ou exportando-os para Salvador (por meio dos ônibus da Empresa Alagoinhas e, posteriormente, Catuense). Em função dos “pontos”, “terminais” de venda e transporte de beijus (transportados e comercializados em caçoás, diga-se de passagem) e de pessoas, os indivíduos que consumiam os quitutes e que se deslocavam para outras cidades (motoristas, cobradores e passageiros dos ônibus e transportes particulares), passaram a denominar a região de Ponto do Beiju.

---

<sup>2</sup> Depoimento de Martina Paulina de Jesus Alves. In. BRITTO, Júlia Rosa Castro. Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia: 1970-2007. 2007. 154 f. Dissertação (Cultura Memória e Desenvolvimento Regional), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2007.

Como fora referenciado, o beiju constitui-se na principal marca cultural e identitária da comunidade alagoinhense. Entretanto, o que é o beiju? De origem indígena, confeccionado de massa de mandioca ou tapioca muito fina ou fécula de mandioca, *mbeiu* (em tupi-guarani), o beiju é sinônimo de “enroscado”, “franzino”, “bolo” e “filhó de farinha torrada”. Produzido e consumido em aldeias, antes mesmo da chegada dos europeus no “Novo Mundo” (não muito novo para os primeiros habitantes e seus descendentes), fora disseminado por várias regiões do território brasileiro, aglutinando técnicas, sabores, cores e aromas distintos.

### **O PONTO DO BEIJU E A ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Imprescindíveis componentes do patrimônio cultural material e imaterial da comunidade pontobeijuzense, tanto o beiju como os seus modos de produção, ao longo dos anos, não permaneceram pudicos, inalterados, intactos. Com mais de cem anos de história e cultura, a comunidade se reinventou e criou novas possibilidades para continuar existindo como a comunidade-referência na confecção e distribuição monetizada do beiju, não somente para garantir a sobrevivência das/dos artífices beijuzeiros e suas famílias, mas, inserida numa dinâmica do capital, onde o produtor da mercadoria de caráter popular é guiado pelas leis do mercado (concorrência, “produção” de desejo, satisfação, lucro, exploração, intensificação das desigualdades, degradação do meio ambiente...).

Contudo, as transformações realizadas no âmbito da cultura popular não são – necessariamente – impostas, uma vez que os “populares” não são “tolos culturais”, ao contrário, são conscientes e notadamente capazes de verificar como as realidades são reorganizadas, reconstruídas e remodeladas, ainda que as negociações estabeleçam mais benefícios às classes dominantes do que aos marginalizados, subalternos. De acordo com Hall (2013), as alterações culturais propostas pela cultura dominante não agem sobre o povo como se o mesmo fosse uma tela em branco, desprovido de quaisquer aspectos cítricos. Porém,

[...] elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas; elas, sim, encontram ou abrem um espaço de reconhecimento naqueles que a elas respondem. A dominação cultural tem efeitos concretos – mesmo que estes não sejam todo-poderosos ou todo-abrangentes. (HALL, 2013, p. 282).

A interpretação da cultura e dos modos de produção do beiju pontobeijuzenses podem notabilizar-se pelas tensões e oposições entre o que pertence e o que não pertence ao domínio da cultura dominante e da cultura local. O quitute confeccionado da massa de mandioca (beiju), considerado a maior expressão identitária da comunidade alagoinhense, fora inserido numa

dinâmica do capital, uma vez que para continuar existindo os saberes e fazeres relacionados a sua confecção foram recriados várias e várias vezes. Em muitas oportunidades, como se fora uma pesquisa de mercado (ainda que não possua esse caráter), os consumidores da iguaria sugerem sabores e, por vezes, são atendidos.

É preciso destacar que o capitalismo é um modo de produção baseado no individualismo, na propriedade privada, na exploração da mão-de-obra e na competição, em que os empreendedores que satisfazem os consumidores são os vencedores, enquanto os que não conseguem suprir os desejos “materiais e espirituais” da sua clientela estão fadados ao alijamento ou desaparecimento dentro da “seleção natural capitalista”. No Ponto do Beiju, muitos artífices do beiju que não se adequaram/adequam às inovações e técnicas criativas baseadas nos modos de produção capitalista tiveram/tem suas produções reduzidas ou deixaram/deixam de produzir a iguaria. Diante desse quadro, qual seria – para as beijuzeiras e os beijuzeiros “de pouca produtividade” ou ex-beijuzeiras e ex-beijuzeiros – a alternativa ao modelo de produção de caráter capitalista, se assim o quisessem?

Conforme Singer (2002, p. 10), “se toda economia fosse solidária, a sociedade seria muito menos desigual”. A economia solidária baseia-se nos princípios de propriedade coletiva (ou associação do capital) e no direito à liberdade individual. Contudo, mesmo numa perspectiva solidária, existiriam/existem cooperativas e associações que prosperariam/prosperam mais que outras, em função “do acaso e das diferenças de habilidade e inclinação de pessoas que as compõem”. (Idem).

Então, qual seria a vantagem do modo de produção solidário para a economia capitalista? Os colaboradores (empregados) inseridos no modelo de caráter capitalista são remunerados de acordo com a função que exercem e de maneira bastante desigual, uma vez que da interação realizada entre os trabalhadores (que vendem sua força de trabalho) e os empresários (responsáveis por comprar essa força) nasce um escalonamento de salários, baseado nas funções, expectativas de carreira e disputas de ascensão (promoções). O trabalhador, nesse contexto, realiza as suas funções intelecto-laborais pensando em si, nos seus benefícios orgânicos e simbólicos e em detrimento do próximo, diminuído/extinguindo quaisquer ações de caráter solidário, mesmo porque dois princípios do modo de produção capitalista são o direito à propriedade individual aplicado ao capital, e o direito à liberdade individual, que, por sua vez, dividem a sociedade em “donos do capital e dos meios de produção” e uma classe de “despossuídos”, que sobrevive por meio da venda da sua força de trabalho aos detentores dos processos produtivos. Competição e desigualdade são o resultado dessa relação baseada na exploração (SINGER, 2002).



A economia solidária possibilitaria o surgimento e desenvolvimento de somente uma classe trabalhadora, que seria possuidora do capital e dos meios de produção em cooperativas ou sociedades econômicas, favorecendo as relações solidárias e de igualdade. Nessa conjuntura, cooperadores não recebem salários, realizam retiradas, a partir da receita obtida. Assim sendo, os sócios, de maneira coletiva e em assembleias definem se as retiradas serão realizadas de maneira igualitária ou não. “Há empresas em que a maioria opta pela igualdade das retiradas por uma questão de princípio ou então porque os trabalhos que executam são idênticos, ou quase”. (SINGER, 2002, p. 12). Outro aspecto a ser ressaltado refere-se à atuação dos mecanismos estatais nesse tipo de estrutura sócio-política-econômica. Caberia ao Estado a captação de parte dos ganhos (acima do necessário) dos empreendimentos solidários e redistribuir entre os indivíduos que possuem retiradas abaixo do mínimo considerado indispensável.

### **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A elucidação (ainda que parcial) dos aspectos inerentes e relevantes da cultura e dos modos de produção do Ponto do Beiju, suas rupturas, perdas, transformações e ressignificações, considerando as experiências laborais, culinárias, simbólicas, estéticas e de linguagens institui-se numa tarefa, ao mesmo tempo que saborosa (como o beiju é), desafiadora (ao ponto causar calafrios, confeccionar sonhos e pesadelos). Para facilitar as coisas, os estudos relacionados a comunidade alagoinhense poderiam pautar-se apenas em uma ou outra área do conhecimento humano, o que poderia gerar análises apenas superficiais.

A proposta dessa pesquisa, com considerações ainda parciais (se é que um dia serão finais), é tentar, por meio dos Estudos Culturais, ler e interpretar a comunidade pontobeijuzense através de um marco-teórico metodológico de caráter interdisciplinar, que abranja conhecimentos e *modus operandi* relacionados a algumas áreas das ciências humanas, como História, Antropologia (Etnografia), Cultura, Literatura e Sociologia, dada a complexidade das estruturas materiais e simbólicas constitutivas e ressignificantes da comunidade alagoinhense.

Embora as transformações e/ou ressignificações, por conta de amalgamações dos aspectos culturais e dos saberes e fazeres comunitários, marcado por múltiplos discursos, perspectivas e performances representem (para alguns moradores da comunidade) o findar da cultura, o estudo sobre a comunidade do beiju em Alagoinhas, enquanto entrelugar, oferece possibilidades para a compreensão de um “terceiro espaço”, marcado pela confecção de estratégias de subjetivação, com novos signos identitários.

O entrelugar pontobeijuzense, ao mesmo tempo que possui elementos tidos como genuinamente puros, também se constitui de marcas culturais exógenas, ou seja, existe uma contaminação de caráter externo a comunidade notadamente marcada pela amálgama de valores culturais distintos, mas com a possibilidade de unificação e abertura para a formação de uma identidade conscientemente afirmativa, em que as vertentes culturais são híbridas.

Vale ressaltar que o presente trabalho se notabiliza por fazer parte de uma pesquisa desenvolvida desde 2006 (como anteriormente fora referenciado). Contudo, mais do que discutir os modos de produção e cultura na comunidade alagoinhense pontobeijuzense, o presente estudo projeta algumas possibilidades de problemáticas a serem desbravadas, lidas e interpretadas nos campos da historiografia e da crítica cultural a respeito dos modos de produção local, dada a importância do tema para os estudos culturais de comunidades suplantadas pela história e cultura hegemônicas, compondo, assim, um potencial para aprofundar a história das minorias e das comunidades periféricas, através dos modos de produção, da estética, dos símbolos e das linguagens.

A ampliação dos conhecimentos sobre o Ponto do Beiju e da cidade de Alagoinhas-Bahia, por meio de uma nova perspectiva, os modos de produção da culinária pontobeijuzense, especificamente, a confecção de beijos, também é deveras significativa, uma vez que os conteúdos discutidos podem contribuir para que outros estudos históricos e crítico-culturais sejam realizados sobre a temática. Além de tornar-se um alerta para que as problemáticas identificadas possam ser incluídas nas políticas públicas de incentivo ao trabalho local e, assim, o beiju e seus modos de produção serem reconhecidos por órgãos públicos como o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pela sociedade, em geral, como patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, René. *A Pesquisa-Ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BRITTO, Júlia Rosa Castro. *Representações dos Trabalhadores da Feira Livre de Camaçari - Bahia: 1970-2007*. 2007. 154 f. Dissertação (Cultura Memória e Desenvolvimento Regional), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

COSTA, Edil Silva. Narrativa, testemunhos e modos de vida. In: LIMA, Ari; COSTA, Edil Silva. *Estudos de crítica cultural: diálogos e fronteiras*. Salvador: Quarteto, 2010.

HAUCIAU, Nubia Jacques. O entre-lugar. In: Figueiredo, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF; Niteroi: EdUFF, 2005.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

PRINS, Gwin. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. São Paulo: Edusp, 1992.

SANTOS apud PAIXÃO. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009. 145 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2009.

SCHOLLAMMER, Karl E. *Estudos Culturais: os novos desafios para a teoria da literatura. Diálogos Latinoamericanos*, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/162/16200105.pdf>>. Acesso em: maio 2016.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

